

**MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO  
PENSAMENTO GEOGRÁFICO? UM  
ENCONTRO ENTRE A AGB – PP ‘BERTHA  
BECKER’ E JOSELI MARIA SILVA**

*WOMEN IN THE CONSTRUCTION OF THE  
GEOGRAPHICAL THOUGHT? A MEETING  
BETWEEN THE LOCAL SECTION – AGB  
PRESIDENTE PRUDENTE ‘BERTHA BECKER’  
AND JOSELI MARIA SILVA*

*MUJERES EN LA CONSTRUCCIÓN DEL  
PENSAMIENTO GEOGRÁFICO? UN ENCUENTRO  
ENTRE LA AGB – PP ‘BERTHA BECKER’ Y  
JOSELI MARIA SILVA*

**MATEUS FACHIN PEDROSO**

Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Presidente Prudente/SP; Grupo de Trabalho Gênero  
e Interseccionalidades – AGB Presidente Prudente.

E-mail: mateus\_fachin@hotmail.com

**JOSELI MARIA SILVA**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: joseli.genero@gmail.com

**MARCIO JOSÉ ORNAT**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: geogenero@gmail.com

**ALIDES BAPTISTA CHIMIN JUNIOR**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: alides.territoriolivre@gmail.com

**TAMIRES REGINA A. DE OLIVEIRA CESAR**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: tamioliveiracesar@gmail.com

**VAGNER ANDRÉ MORAIS PINTO**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: vampmoraism@gmail.com

**EDSON ARMANDO SILVA**

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG),  
Ponta Grossa/PR.

E-mail: edameister@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste texto é estabelecer o registro de um encontro (científico e afetivo) entre pessoas que têm questionado as características androcêntricas que marcam a geografia brasileira, bem como seus privilégios de raça e sexualidades. Os encontros de trajetórias de vida são efêmeros e é por reconhecer a característica da transitoriedade das reuniões face a face que resolvemos realizar um registro escrito desse episódio em um espaço legitimado pela hegemonia do saber, um periódico científico. Sabedores da longevidade da narrativa escrita para o estabelecimento das lutas e embates que produzem o campo científico, tornamos o evento ocorrido em 23 de novembro de 2018 nas dependências da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP, Presidente Prudente, em uma peça da história da geografia brasileira, viabilizado pela coragem e luta do Grupo de Trabalho de Gênero e Interseccionalidades.

**Palavras-chave:** geografia, geografias feministas, mulheres, pensamento geográfico.

**Abstract:** The aim of this text is to produce a record of the meeting (scientific and affective) between people that have questioned the androcentric characteristics that have marked the Brazilian Geography, as well as its privileges of race and sexualities. The encounter of life trajectories is brief and for recognizing the transitory nature of face to face meetings, we decided to produce a written register of this episode in a space legitimized by the knowledge hegemony, a scientific journal. Being aware of the longevity of the written narrative for the constitution of fights and struggles that produce the scientific field, we turned the event that occurred on 23<sup>rd</sup> November 2018 at the Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP (Sciences and Technology College), Presidente Prudente into a piece of the Brazilian geography history, given visibility by the courage and fight of the Group of Work on Gender and Intersectionality.

**Keywords:** geography, feminist geographies, women, geographical thought.

**Resumen:** El objetivo de este texto consiste en establecer el registro de un encuentro (científico y afectivo) entre las personas que han cuestionado las características androcéntricas que marcan la geografía brasileña, así como, sus privilegios de raza y sexualidad. Sabiendo que los encuentros de trayectorias de vida son efímeros y por reconocer su característica de transitoriedad resolvemos realizar un registro escrito de ese episodio en un espacio legitimado por la hegemonía del saber, un periódico científico. Sabedores de la longevidad de la narrativa escrita para el establecimiento de las luchas y embates que producen el campo científico, hacemos el evento ocurrido el 23 de noviembre de 2018 en las dependencias de la Facultad de Ciencias y Tecnología - UNESP, Presidente Prudente en una pieza de la historia de la geografía brasileña, viabilizado por el coraje y lucha del Grupo de Trabajo de Género y Interseccionalidades.

**Palabras clave:** geografía, geografías feministas, mujeres, pensamiento geográfico.

## Introdução

A ciência se faz no exercício do debate e os encontros científicos são rituais importantes para vivenciarmos a atmosfera do

humanismo que sustenta toda produção do saber. Mas os encontros científicos, como em todos os outros da vida, correm o risco de serem apagados da memória com o passar do tempo. Testemunhas de momentos especiais deixam de comentar sobre eles e é por isso que resolvemos fazer o registro escrito do encontro histórico que ocorreu em 23 de novembro de 2018 nas dependências da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Júlio de Mesquita (UNESP), Presidente Prudente envolvendo ‘mulheres fazedoras de geografia’.

Mulheres que têm suas próprias geografias, que fazem geografias, que lutam para que suas geografias sejam reconhecidas nos espaços acadêmicos, marcaram suas lutas com o evento protagonizado pelo Grupo de Trabalho de Gênero e Interseccionalidades<sup>1</sup> da Seção Local da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) de Presidente Prudente.

Reuniram-se mulheres de diferentes cores, idades, experiências acadêmicas e profissionais para debater a produção do conhecimento geográfico e as relações de gênero, a partir de um ponto de vista que considera as relações de poder e do privilégio branco, ocidental, heterossexual e patriarcal.

Logicamente, o encontro face a face é mais rico do que qualquer registro escrito, já que olhares, expressões e emoções nem sempre são captadas e comunicadas em sua totalidade no papel. Apesar disso, resolvemos correr o risco de esmaecer a expressão dos afetos que compuseram esse encontro em troca do registro histórico pela escrita em uma revista acadêmica. Essa posição se deu pelo fato

---

1 O presente grupo de trabalho se encontra em processo de construção coletiva, e desta forma entende que a denominação “Gênero e Interseccionalidades” é temporária estando sua definição a cargo do acúmulo coletivo construído e debatido nas reuniões do grupo de trabalho.

de que a ciência exige certos rituais para que determinados temas sejam legitimados na narrativa científica e essa foi nossa escolha, apesar da consciência das possíveis perdas.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira, realizamos um relato de um movimento político importante que o Brasil passou no último pleito eleitoral em que a política nacional viu crescer os discursos da extrema direita e, como nunca, pronunciados com formidável força. Nesse contexto social e político, a luta estudantil e o movimento das mulheres nas organizações acadêmicas tomaram protagonismo, exigindo a ampliação dos debates em torno dos direitos das mulheres na sociedade e, sobretudo, na produção científica. Na segunda seção, evidenciamos as falas que constituíram o encontro de diferentes mulheres que reivindicam ‘espaço no espaço’ acadêmico. Por último, na terceira seção, apresentamos a fala da Professora Joseli Maria Silva, geógrafa feminista que pesquisa sobre gênero, sexualidades e racialidades há mais de vinte anos.

Enfim, esperamos que o registro escrito desse encontro seja ampliado com as interpretações dos leitores e que possamos, definitivamente, tornar a geografia brasileira mais acolhedora às diferenças.

### **O protagonismo do Grupo de Trabalho Gênero e Interseccionalidades na produção do encontro de trajetórias de mulheres na geografia**

É de conhecimento da comunidade geográfica a importância histórica e política da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) na construção do pensamento geográfico. Foi através de inúmeros debates, articulações e tensões, internas e externas, que se construiu a possibilidade dos caminhos trilhados pela geografia brasileira (SPOSITO, 1983).

Considerando a natureza da questão, cabe registrar, ainda que brevemente, o início deste movimento para que compreendamos as construções atuais. A AGB foi criada em 1934 tendo como seu fundador o Professor francês Pierre Deffontaines, que esteve no Brasil com o propósito de criação e organização do curso de Geografia na Universidade de São Paulo (USP) (SPOSITO, 1983). Junto a ele se somavam outros nomes que contribuíram grandemente à ciência geográfica brasileira, como Pierre Monbeig e Francis Ruellan (VIEIRA; PEDON, 2004).

Este registro é o princípio desdobrado enquanto espaço em movimento, em continuidade temporal que não cessa e que não se limita ao uno, mas que transcende e se transforma. Esta ‘metáfora geográfica’ evidencia as diferentes atuações da AGB que acompanharam o movimento da sociedade brasileira. Neste sentido, cabe focalizarmos esforços na realidade que desejamos compreender, o que nos direciona ao contexto agebeano de Presidente Prudente – SP.

A AGB Seção Local de Presidente Prudente foi fundada na década de 1970, especificamente, no dia 17 de maio de 1975, sendo este ato protagonizado basicamente “por professores do Curso de Geografia da então em formação Universidade Estadual Paulista (UNESP), ainda como núcleo local, que perduraria até 1980, quando se transformaria em seção local, a AGB - Presidente Prudente" (VIEIRA; PEDON, 2004, p. 77). Desde então, a seção local construiu e manteve fortes laços com o Departamento de Geografia e posteriormente, com o Programa de Pós-Graduação em Geografia (1988) da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP (SPOSITO, 1983).

A AGB – Presidente Prudente traz em seu legado importantes contribuições para a geografia, uma vez que registra em seu histórico feitos memoráveis consolidados através de suas ações e participações. Dentre elas, o lançamento do primeiro número do Caderno Prudentino de Geografia (CPG) no ano de 1981, bem como a realização de diferentes eventos importantes para a geografia como o I Encontro Regional de Geógrafos, 1982; o IX Encontro Nacional de Geógrafos, 1992; o Fala Professor, 1995; o 6º Simpósio de Geografia Urbana, 1999; o I Simpósio Nacional de Geografia da Saúde (VIEIRA; PEDON, 2004), como muitos outros que tiveram a participação maciça desta seção local da AGB.

A seção local Presidente Prudente construiu seu reconhecimento através dos esforços empenhados, sobretudo, nos Grupos de Trabalhos (GT's) que organizavam as frentes de discussões de interesse geográfico. Este caráter agebeano sempre esteve lastreado e comprometido politicamente às questões demandadas pela sociedade. Esta postura foi mantida, uma vez que as ações são protagonizadas pelos Grupos de Trabalhos (GT's), que atualmente se debruçam sobre duas temáticas já consolidadas na AGB - Ensino e Agrária - e uma terceira que emerge enquanto movimento necessário, já que pauta as questões de gênero na geografia (SILVA, 1998), consubstanciando assim, a formação do GT de Gênero e Interseccionalidades<sup>2</sup>, que por sua vez compõe a produção do espaço agebeano enquanto potência e o instrumentaliza enquanto espaço de poder.

---

2 Cabe mencionar que toda a discussão acerca do GT de Gênero e Interseccionalidades da AGB - Seção Local de Presidente Prudente tomou como base as atas documentadas do grupo de trabalho, para que assim se fizesse jus de forma respeitosa ao que fora construído coletivamente em cada momento.

O GT de Gênero e Interseccionalidades surge enquanto resposta às demandas políticas e sociais já enfrentadas em outros espaços, principalmente, o espaço universitário, dado os casos de machismo, racismo e homofobia registrados de forma cada vez mais frequente, mormente, nos últimos tempos em que o ódio e a violência ganham legitimidade nos discursos de poderosos que arregimentam a prática da banalidade do mal (ARENDDT, 1999), atingindo principalmente os menos favorecidos na sociedade, ou seja, as mulheres, negras (os), os (as) LGBT's e todas as pessoas consideradas dissidentes do padrão androcêntrico, classista, branco e heteronormativo.

Dentro daquilo que nos afeta foi aquecida a necessidade da presente discussão, sendo esta protagonizada majoritariamente pelas mulheres, militantes, universitárias (os) e pesquisadoras (es), que através do encontro interseccionado na diversidade e pluralidade realizaram a formalização do GT de Gênero e Interseccionalidades no início de 2018, antes mesmo do processo eleitoral da chapa proponente.

É por meio destas prerrogativas que a atual gestão da AGB – Presidente Prudente (2018-2020), carrega o nome de uma das geógrafas mais importantes na construção da geografia brasileira, a Professora Bertha Becker (em memória), tendo como intento potencializar a discussão sobre a visibilidade das mulheres na geografia. Esta questão serviu como combustível para a primeira ação desempenhada pelo GT, uma vez que não foram medidos esforços para construir um evento que se debruçasse sobre o papel da mulher na produção do conhecimento geográfico.

Ao partir destas iniciativas o evento foi nomeado de “Dia da Geógrafa e do Geógrafo - Mulheres no pensamento geográfico?”,

sendo este protagonizado e organizado pelas associadas participantes do GT, dado que o mencionado evento estava previamente programado para acontecer no dia 29 de maio, data comemorativa dos profissionais de geografia. No entanto, houve acontecimentos de escala nacional - greve dos caminhoneiros - frente ao contexto social e político vivido, fazendo com que houvesse a postergação do evento, sendo este reagendado para o dia 23 de novembro de 2018.

Este evento foi extremamente marcante, não somente pela proposta, pela emoção e pelo que foi construído naquela noite (como expressa as próximas seções), mas também pelos desdobramentos positivos, pelo fortalecimento, sustentação, afetividade e revigoramento enquanto potência para a continuidade do GT. Acreditamos que o encontro naquela noite demarcou o poder simbólico (BOURDIEU, 2001) que diante de nossos olhos se materializou através do encontro de mulheres empoderadas que fizeram ecoar suas vozes. Uma noite histórica que aponta para novos rumos!

Este momento inicial permitiu a continuidade dos trabalhos desempenhados pelo GT de Gênero e Interseccionalidades que teve como sequência a recepção de calouras (os) na AGB, 18 de fevereiro de 2019; a participação na mesa de debate com o tema ‘A AGB e os debates atuais da Geografia Brasileira’, 26 de fevereiro de 2019; a participação na Passeata #8MContraBolsonaro, 09 de março de 2019; Roda de conversa com a temática ‘Maternagem na Universidade’, 20 de março de 2019; participação na Jornada Mulheres Contra Bolsonaro: em defesa de nossas vida, 21 de março de 2019; a presença no Cine Sapatão/ArqProjeta, 21 de março de 2019, junto a

distribuição de colantes ‘A universidade é pública, meu corpo Não!’ em todos os momentos que o GT compôs.

Além da construção e participação destes eventos o GT de Gênero e Interseccionalidades demonstrou vigor ao atuar em outras frentes, como a participação ativa na construção do Planejamento Pedagógico do Curso de Geografia da FCT- UNESP (2019), pautando assim as questões atinentes à discussão de gênero e interseccionalidades nas ementas das disciplinas que formam nossas (os) professoras (es) e geógrafas (os). Esta participação foi de suma importância, pois contribuiu com a reflexão sobre a hegemonia masculina na construção da ciência geográfica, sobretudo das disciplinas de graduação, expressando a necessidade de sistematização de esforços que combatam a manutenção sistêmica patriarcal que silencia e invisibiliza as mulheres acadêmicas e pesquisadoras da geografia.

Todas estas atividades e ações estão respaldadas na construção coletiva do grupo que preza pela continuidade das atividades de forma articulada à realidade da seção local, bem como busca por interlocuções com coletivos atuantes, e outras seções locais da AGB que têm desempenhado e/ou possuam interesse na discussão aqui apresentada. Assim, o GT têm se reunido formalmente desde o mês de fevereiro de 2019, visando a construção de um cronograma de atividades, junto a um grupo de estudos com o compromisso de refinar, amparar e potencializar as discussões e ações subsequentes.

É por estas vias que acreditamos na transformação construtiva e propositiva de uma geografia que avance e faça ouvir as vozes daquelas (es) que sempre foram silenciadas (os), que seja garantida a vez dos não-hegemônicos que se encontram as margens (hooks, 1984) no movimento de disputa e (re)existência!

## **O encontro de mulheres na geografia e a apropriação do lugar de fala no espaço acadêmico**

Em uma noite de intensa chuva, as expectativas da organização do encontro eram de um público pequeno, composto por algumas poucas mulheres graduandas do curso de geografia. Entretanto, para nossa surpresa, o auditório estava cheio e uma forte atmosfera de alegria pelo feito, expectativa pela realização da discussão e apreensão pela possibilidade de tensionamentos em torno das relações de poder na academia e a presença cada vez mais comum de grupos conservadores na universidade.

Ao rever as filmagens e ver os rostos que compunham o público e as autoridades de fala, é possível afirmar a constituição de uma territorialidade feminina no espaço acadêmico. Estavam ali de forma majoritária as mulheres. Mas não se tratava apenas da presença de corpos femininos, mas de uma comunhão em torno da luta pela conquista de espaços de enunciação científica. Ali estavam mulheres de várias idades, gerações, raças, religiões, níveis acadêmicos, mas havia uma atmosfera de solidariedade e emoção que permeou todas as falas da mesa de abertura. Nossa oradora, (Bruna Borsoi, Mestranda no PPGG<sup>3</sup>, associada da AGB-PP), emocionada, iniciou os trabalhos da noite com o discurso que segue.

“Boa noite! Gostaria primeiramente de agradecer a presença de todas e todos aqui. Esse evento foi pensado por um grupo anterior a diretoria e incorporado pela diretoria atual da AGB Presidente Prudente, a qual leva o nome de uma Geógrafa, Bertha Becker, por representar o posicionamento político de debate de gênero dentro

---

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente – SP.

desta gestão. Para iniciar a gestão e abrir novos caminhos para o debate, foi elaborado primeiramente o evento “Dia da Geógrafa e do Geógrafo: mulheres no pensamento Geográfico?” que ocorreria em maio. Contudo, houve imprevistos e tivemos que adiar o evento. Mesmo assim, consideramos necessário trazer a discussão para a Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Preparar a fala para este evento constituiu um desafio! O protagonismo das mulheres na escrita acadêmica e representá-las é um imperativo que deve ser superado. Nós mulheres somos engolidas pelo patriarcado diariamente que, inclusive, rege o espaço acadêmico. Então, partindo dessa perspectiva, estamos aqui nesta noite para sermos uma voz e construirmos juntas e juntos o debate de mulheres na geografia, na construção do espaço e da academia. É com muita satisfação que nós mulheres agebeanas chamamos para compor a mesa de saudação a aluna Júlia Araújo Carvalho, Representante do Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO); a Representante da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), Cintia de Paula Santos Nascimento; a Professora Doutora Isabel Cristina Moroz Caccia Gouveia, representante da Chefia do Departamento de Geografia, a Professora Doutora Maria Terezinha Serafim Gomes, representante do Conselho de Curso de Geografia e a aluna Bibiana Conceição Rezende, Representante Discente da Pós-Graduação em Geografia”.

Júlia Araújo Carvalho, representante do CAGEO, fez seu pronunciamento com as palavras que seguem. “Boa noite, eu queria agradecer a toda a organização o convite para que eu estivesse aqui. Também queria agradecer a vocês que vieram para assistir e compor esse espaço de discussão. Eu estou aqui representando o CAGEO que, por sua vez, representa todos os graduandos da Geografia de Presidente Prudente e acho que uma coisa importante a pontuar

quais são ou o que é a mulher no pensamento geográfico? Quando a gente fala para a graduação, muitas vezes não estamos falando da produção científica, mas estamos falando sobre algum tipo de silenciamento e de disputas diárias que temos que fazer. São disputas em sala de aula quando somos silenciadas. São disputas quando nós estamos ou não em sala de aula. Quando precisamos sair nas ruas e somos diariamente assediadas. É assédio moral, assédio sexual, várias violências. Quero pautar a importância de eu, enquanto mulher negra, estar aqui com vocês e isso é muito relevante para a história da geografia de Presidente Prudente. Eu estou aqui há três anos e nos últimos anos tivemos vários casos de racismo direcionado às mulheres. Então, eu queria dizer para todas as mulheres que estão aqui hoje, que eu as admiro muito pelas resistências diárias e que o CAGEO têm uma pauta de gênero. Acho que é isso que gostaria de ressaltar, a importância de eu, como mulher negra, estar à frente aqui hoje, principalmente depois de todos os fatos ocorridos, o que mais me alegra hoje é construir o espaço de debate que está surgindo agora e que a gente tenha, pelo menos, a aceitação. Então, eu sei que tem muita gente interessada em discutir e a gente tem que levar isso adiante!”.

A AGB realizou pronunciamento por meio da representação de Cintia de Paula Santos Nascimento, enaltecendo o momento que expressava a posição das mulheres na geografia. Seguem suas palavras. “É uma felicidade imensa compor a mesa de abertura de hoje. Só temos mulheres aqui e compor um evento pensado pelas mulheres é realmente uma felicidade muito grande. Eu vim aqui deixar as minhas saudações aos presentes. E faço parte do Conselho Fiscal da chapa Bertha Becker, compondo a gestão desse biênio. Aliás, Bertha Becker é uma das mulheres representantes do

pensamento geográfico brasileiro, uma das pioneiras em pesquisas da geografia no Brasil. Nós da AGB vemos como de extrema importância e urgência trazer a discussão de gênero e feminismo para academia. Também considero importante descolonizar nossos saberes e imaginários ainda pautados por uma sociedade racista, machista e patriarcalista. Como mulher e estudante vejo ser importante a ocupação de espaços de discussão, tanto na academia como fora dela, construindo visibilidade para nossas lutas e resistências. É isso, desejo um bom evento para todos”.

O Departamento de Geografia da UNESP- Presidente Prudente também foi representado por uma mulher, a Professora Doutora Isabel Cristina Moroz Caccia Gouveia que em sua saudação deixa claro sua reivindicação do protagonismo feminino na sociedade brasileira. Segue seu pronunciamento. “Boa noite a todos e a todas! É com muita alegria que eu componho essa mesa de saudação. Gostaria de parabenizar as meninas, o GT e a AGB pela iniciativa, que era para ter ocorrido no Dia da Geógrafa e do Geógrafo. Agradeço o aceite da professora Joseli e acredito que hoje será uma noite muito agradável, de muitas reflexões e bastante oportuno. Eu acho que o debate sobre a mulher na geografia foi inserido paulatinamente com muita luta, com pesquisa acadêmica e com muita seriedade por parte das pesquisadoras. Quando essa reflexão começou a ser incorporada de fato com respeito no mundo acadêmico da Geografia, ao mesmo tempo, vivenciamos na sociedade brasileira um momento em que falar de gênero e feminismo é uma subversão, um tabu ou um assunto maldito. Hoje nós estamos aqui discutindo gênero, em uma ciência humana e em uma universidade pública e esses são todos os elementos atualmente considerados malditos pela sociedade brasileira conservadora que toma o poder. Ou seja, nós estamos

prontinhas para sermos queimadas na fogueira. Eu penso que o medo que foi despertado em torno do gênero e do feminismo pelos conservadores significa que nós estamos trilhando o caminho certo. Nós presenciamos na disputa das últimas eleições presidenciais o protagonismo das mulheres nas ruas. A força feminina assustou muita gente e levantou posturas agressivas. Lembro de um comentário que vi no *Facebook* no grupo ‘Mulheres unidas contra o coiso’, que era o seguinte: ‘Esse é um grupo que só tem feministas, lésbicas, aborteiras e professoras universitárias’. Essa depreciação de determinadas mulheres, consideradas como a negação do ideal feminino desejado pela sociedade conservadora só podia ser feita por um homem de pequena capacidade cognitiva e sem a menor possibilidade de viver em uma sociedade plural e cidadã. Então, eu penso que é fundamental discutir o protagonismo das mulheres, sua participação na produção do conhecimento geográfico e ainda dizer o seguinte para as companheiras: sozinha eu ando bem, mas com vocês eu ando melhor!”.

O protagonismo estudantil no evento foi reforçado pela fala de Bibiana Conceição Rezende, representando a Pós-Graduação em Geografia da UNESP que expressa o sentido de várias opressões como uma pesquisadora principiante no espaço acadêmico. Suas palavras podem ser lidas a seguir. “Boa noite a todas e a todos. Eu gostaria de agradecer o convite para compor essa mesa enquanto representante da pós-graduação. Eu endosso a importância desse momento em falar sobre as mulheres, principalmente sobre mulheres na ciência, na produção do conhecimento acadêmico. Digo isso porque nós somos invisibilizadas constantemente em vários espaços e na academia não é diferente. Eu percebo como é difícil ser mulher na pós-graduação, na ciência, porque este espaço não foi feito

para nós, ele nos repele, temos o sentimento de sermos impróprias. Por isso quero salientar a importância de estarmos aqui neste local ocupando o espaço científico e acadêmico que nos cabe! Mas além de ocupar, devemos ser reconhecidas e termos protagonismo legitimado! É isso! Muito obrigada”.

A Professora Doutora Maria Terezinha Serafim Gomes, representante do Conselho de Curso de Geografia foi a última a proferir suas palavras sobre esse encontro, como pode ser lido a seguir. “Boa noite a todos e a todas! Agradeço o convite da AGB e cumprimento a mesa. É um enorme prazer compartilhar essa noite de discussão sobre as mulheres no pensamento geográfico. Questiono a mim mesma muitas vezes sobre nosso papel na ciência, nossa invisibilidade, os silenciamentos do conhecimento produzido por mulheres. Algumas destas questões serão objeto de debate esta noite e desejo que tenhamos uma ótima noite de aprendizado mútuo e de solidariedade na luta pelo reconhecimento da participação das mulheres na produção da ciência, em especial na ciência geográfica”.

Ao final dos pronunciamentos femininos era possível perceber a emoção que aflorava porque todas sabiam ali o quanto especial e inédito era este momento na geografia da UNESP de Presidente Prudente. Bruna Borsoi (oradora), encerrou esse momento e concedeu a palavra para professora Joseli Maria Silva que, com as demais mulheres, visivelmente também estava emocionada.

### **Pensando as mulheres na geografia brasileira**

Boa noite! Eu confesso para vocês que se eu pensasse em ganhar o maior presente da minha vida, eu acho que seria hoje, presenciar esse momento. Eu estou muito emocionada! Porque eu

nunca imaginei que esse movimento político aconteceria na geografia e aconteceu com vocês. Eu estou encerrando carreira, prestes a me aposentar e tive uma trajetória de vinte anos de luta, de muita dor, discussão, marginalização e esquecimento daquilo que eu produzi durante a minha carreira. Nunca pensei que eu iria ver isso na minha vida, um evento com este protagonismo político feminista. Então, eu queria muito agradecer a vocês por terem me dado o maior presente da minha vida. Obrigada gente!

Talvez eu esteja com a maquiagem borrada, mas foi emocionante ver essa geração, que é tão jovem, reivindicando espaços dentro da geografia. Isso para mim é muito significativo, porque não foi uma, nem duas vezes que eu tentei parar de produzir Geografias Feministas, tamanha a violência epistemológica sofrida nestes anos todos de carreira. Nessa trajetória de trabalho com as Geografias Feministas pesquisei, junto com o Grupo de Estudos Territoriais (GETE), sujeitos cujas espacialidades foram invisibilizadas na geografia, como pessoas negras, pessoas com sexualidades dissidentes do padrão heteronormativo e as mulheres.

Nessa trajetória de construção tive encontros importantes com pessoas que compartilharam comigo essa caminhada científica e conquista de um pequeno espaço na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) para construir essa luta. Não trabalho sozinha e minha produção é em grupo. Não acredito na capacidade de um ser iluminado apto a produzir sozinho seus saberes. O saber é coletivo. Minha trajetória se deve ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE), porque eu só existo a partir das redes de afetos e conhecimento. Destaco aqui algumas pessoas que são protagonistas do conhecimento que trago hoje para discutir com vocês, Marcio José

Ornat, Alides Baptista Chimin Júnior, Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar, Vagner André Morais Pinto e Edson Armando Silva.

O tema que vocês propuseram para discussão, com um ponto de interrogação, é interessante, porque não é uma pergunta, mas uma provocação. Sabemos que há mulheres na produção de conhecimento geográfico e essa interrogação é para pressionar a estrutura acadêmica a responder qual é o lugar das mulheres no espaço acadêmico.

Para iniciar a discussão, é necessário eu esclarecer como eu entendo a ciência. A ciência geográfica, a meu ver, não se desenvolve por uma espontaneidade de proposições de teorias e modelos compreensivos da realidade espacial em que conceitos e teorias vão paulatinamente superando outras pela capacidade de confirmação de suas proposições. Eu entendo a ciência a partir de um campo do poder, distribuído e posicionado por tensionamentos e disputas que, sujeitos em diferentes localizações de uma matriz de poder, operam elementos materiais, simbólicos e culturais.

As pessoas produtoras de conhecimento são corporificadas e os corpos importam na produção do saber porque eles carregam em si elementos que são lidos e interpretados socialmente como mais ou menos capacitados ao trabalho intelectual. Acreditar numa ciência que se faz de cérebros privilegiados descorporificados é uma estratégia de dissimular a neutralidade e igualdade entre as pessoas, quando se sabe que homens, brancos são os atores principais do poder na ciência.

Quando nós entendemos que os temas e as questões que o campo científico elege como importantes para um campo científico investigar, também estão ligadas às relações de poder, começamos a entender a razão de algumas ausências e silêncios que estruturam

determinada disciplina. Em geral, nós apreendemos durante a nossa formação uma narrativa de como a ciência geográfica se desenvolveu e aceitamos certas ausências como se fossem da essência da geografia, como se a geografia tivesse um *status* de ser em si mesma.

Então, gosto de pensar a produção científica a partir da ideia de ‘geometrias do poder’ de Doreen Massey (1999). Pensando a compreensão da produção científica a partir dessa ideia, podemos afirmar que a produção do pensamento geográfico, estruturada nas relações de poder, possui uma espacialidade e esse espaço, não está só imbuído de relações de poder, mas o próprio poder estabelece aquilo que deve ser pesquisado, o que é aceito como conhecimento geográfico. Se pensarmos quais são os lugares que têm o privilégio de dizer o que é a geografia brasileira, temos um mapa de hierarquias que não se faz por mágica, ou brilhantismo acadêmico, mas é a visualização do poder científico que opera em várias escalas. Nós temos uma geopolítica do conhecimento geográfico que se estrutura no território nacional e também mundial e com isso nós temos alguns lugares que são hegemônicos na produção teórica e conceitual e outros lugares que são considerados como os que ‘apenas’ produzem pesquisas empíricas.

Com isso não estou afirmando que lugares mal posicionados nas estruturas de poder da produção do conhecimento geográfico brasileiro não produzam conceitos e teorias próprias de forma muito competente. Mas o que passa é que não são legitimados como tal porque não possuem nem o lugar simbólico de poder da enunciação e nem recursos materiais a serem mobilizados para alcançar a visibilidade de suas teorias. Há lugares epistemológicos não

reconhecidos. Por exemplo, eu falo da UEPG<sup>4</sup> e não da USP<sup>5</sup> ou UFRJ<sup>6</sup>. Minha potência para ter a legitimação de minhas ideias na geografia brasileira é muito pequena. Aquilo que eu entendo que seja geografia e que trago como preocupações conceituais e metodológicas seriam mais ouvidas se o local de onde eu falo tivesse uma posição de privilégio nas redes de poder. Por exemplo, a UNESP tem um curso de pós-graduação em geografia nível 7 na CAPES<sup>7</sup>. Imaginem o montante de recursos, bolsas de pesquisa, editais que ela conquista e como isso se torna potência para criar canais enunciativos em termos de livros, teses, produção de artigos científicos e assim por diante. A distribuição desigual dos recursos cria possibilidades distintas de produção de pesquisa que, por sua vez, possui uma geograficidade.

Eu falei tudo isso para dizer que eu acredito que aquilo que parece teoria criada por uma espontaneidade ou genialidade de poucos homens privilegiados intelectualmente, não tem nada de natural. Pelo contrário, há mecanismos claros que fazem com que algumas hegemonias conceituais e temáticas ocorram e isso está ligado às condições concretas de vida de pesquisadores(as), sua capacidade econômica, de prestígio acadêmico de fazer parte de determinadas redes de pessoalidade, do controle de veículos editoriais de circulação de ideias e assim por diante.

Mas porque nos acomodamos em determinadas narrativas? Porque essas narrativas são contadas de forma terrivelmente ordenada para nossos alunos? Enfim, creio que a razão seja porque temos a necessidade de criar identidade entre nós e para isso

---

<sup>4</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>5</sup> Universidade de São Paulo (USP).

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>7</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

compartilhamos uma mesma narrativa pelo temor de não conseguirmos manter uma comunidade científica. Nós pensamos muito pouco como construímos as narrativas, como elegemos determinados aspectos da história da ciência, determinados os destaques de alguns personagens históricos. Essas são escolhas que alimentam um imaginário do que é a história da geografia. Mas o que achamos que ela é, talvez não tenha sido.

A narrativa do que é a geografia é em geral desenvolvida por disciplinas como ‘Epistemologia da Geografia’, ‘História do Pensamento Geográfico’, ‘Introdução dos estudos geográficos’. Enfim, são nomes variados que cada currículo ou universidade adota. Mas apesar da diversidade de nomes, o aspecto comum é que ela é odiada pelos alunos.

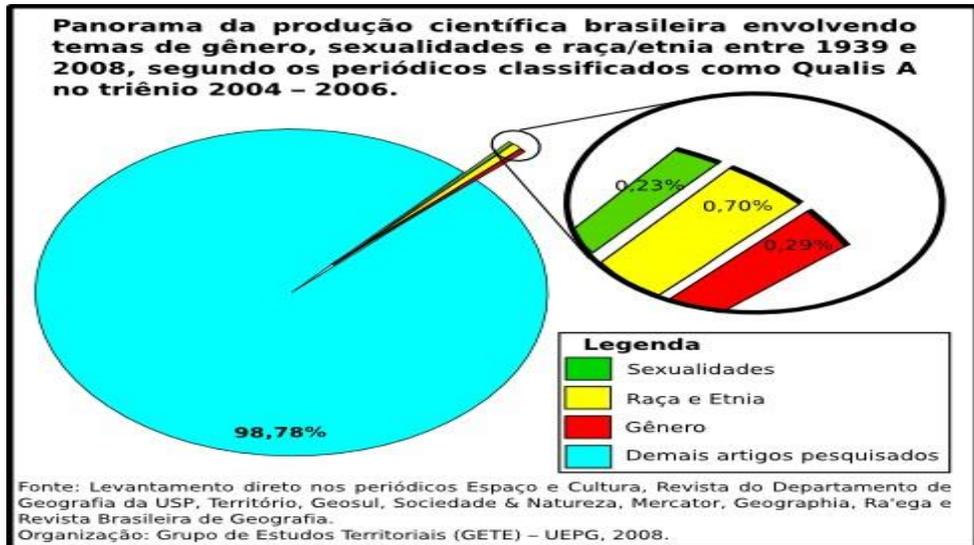
A narrativa do desenvolvimento da geografia é contada, incorporada, reproduzida e pouco questionada pelos alunos. Se eu perguntar para vocês qual é a história que vocês apreenderam da geografia, tenho certeza de que se vocês fecharem os olhos poderão dizer: ‘a geografia nasceu com Humboldt e Ritter na Alemanha, depois tivemos Vidal de La Blache na França, e depois a Geografia Quantitativa vai surgir com Hartshorne nos Estados Unidos e finalmente caímos no Brasil com a Geografia Crítica com Milton Santos, e acaba aí’. Esse ordenamento e a iluminação e apagamento de lugares produtores de geografia não evidencia conflitos. Se eu coloquei foco na Alemanha, não havia mais nada acontecendo no mundo? Não havia outros pensadores na época? Depois, a Alemanha parece que morre e aparece a França e depois Estados Unidos e depois Brasil. Esses lugares iluminados que obscurecem outros é uma narrativa que evita que nós possamos aprender que a ciência também tem sua geopolítica. Na realidade não me espanta que

alimentemos essa narrativa para manutenção das hierarquias já estabelecidas. Mas me espanta que não seja questionada. É tão interessante como estudantes engolem essa narrativa e não se perguntam sobre essa dinâmica. Quando eu pergunto para eles: Vocês acreditam no coelhinho da páscoa? Dizem não. Em Papai Noel? Dizem não. Mas como acredita nessa narrativa do pensamento geográfico? É engraçado porque essa narrativa absurda onde os conflitos desaparecem e os conceitos são apresentados de forma tão harmoniosa e desencarnada é perfeitamente aceita em sala de aula. É na forma ritualística que vamos incorporando esta narrativa e construímos nossas tradições e nos acomodamos com a verdade que se estabelece. Uma verdade tão poderosa que sequer suscita dúvidas.

Nós como comunidade científica temos uma cultura epistemológica que é difícil de ser rompida, porque ela é alimentada no nosso cotidiano. Desde instrumentos mais simples como ementas, programas de disciplinas e escolhas de leituras e temas que os professores fazem no exercício da docência. E essa cotidianidade não percebida que se estruturam poderes e saberes que hierarquizam pessoas, temas e métodos.

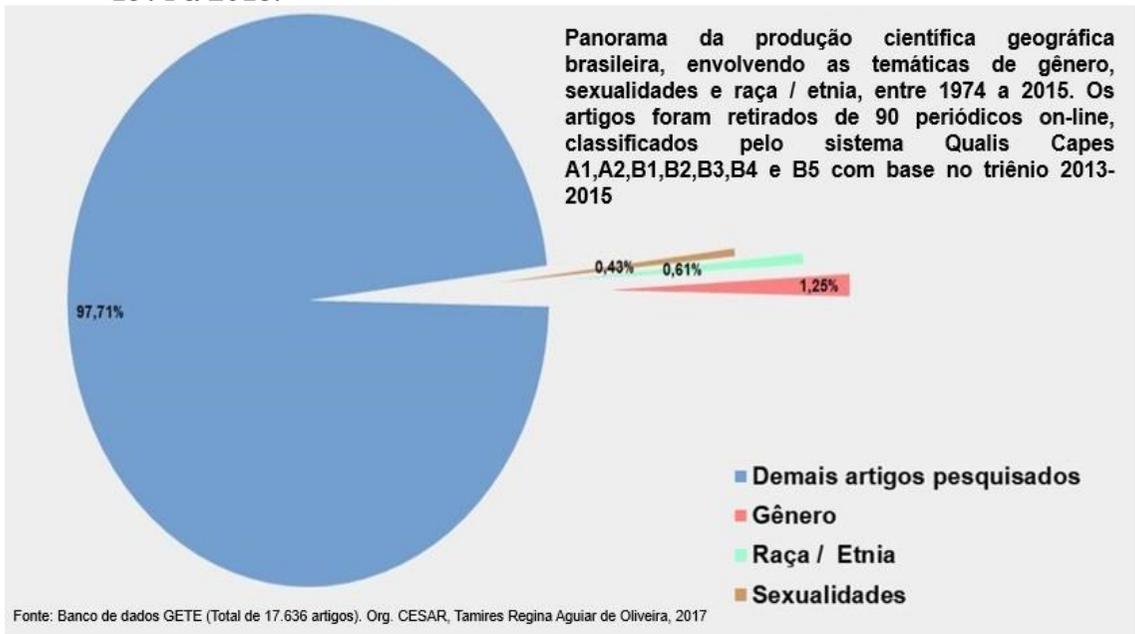
Vejam esse panorama da produção de saberes em termos de gênero, raça e sexualidades nesse gráfico, produzido pelo GETE em 2008. Na época trouxemos os periódicos científicos que estavam classificados como sendo do estrato A, segundo o Sistema Qualis-CAPES.

**Figura 1: Panorama da produção científica brasileira envolvendo temas de gênero, sexualidades e raça/etnia entre 1939 e 2008, segundo os periódicos classificados como Qualis A no triênio 2004-2006.**



Este foi o primeiro trabalho que nós realizamos para entender a resistência do campo geográfico aos estudos de gênero. Quando nós do GETE afirmávamos que a geografia era branca, heterossexual e masculina, as pessoas pediam provas disso. Então iniciamos um levantamento de informações da produção de artigos científicos para poder afirmar o que já sabíamos. Mas agora, sem contestações. O trabalho avançou e ampliamos a base de dados. Vejam o resultado do levantamento de 2015, envolvendo todos os estratos de qualificação do sistema na área da geografia com um total de 17.636 artigos.

**Figura 2: Panorama da produção científica geográfica brasileira, envolvendo as temáticas de gênero, sexualidades e raça/etnia entre 1974 a 2015.**



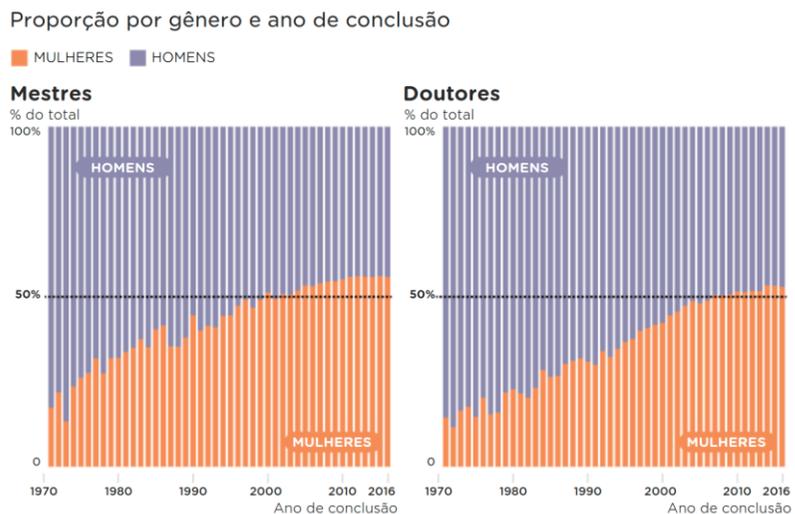
Com esse acompanhamento da produção científica da geografia brasileira é possível afirmar a pequena permeabilidade do campo para temas de gênero, raça e sexualidades, apesar de observarmos o crescimento dos movimentos sociais em relação a eles. E além disso, a reivindicação das mulheres, LGBT's e não brancos é por espaço. Mulheres querem espaço, negros querem espaço, LGBT's querem espaço. Mesmo assim, grande parte da geografia continua negando a esses grupos a possibilidade de terem suas geograficidades compreendidas.

O argumento da negação da geograficidade desse grupos, em geral, é que eles não se constituem em temas próprios da geografia. Mas o que a geografia responde para esses grupos sociais? Não, vocês não possuem existência espacial? Então, creio que a resposta que uma ciência deve dar não é negar esses grupos, mas superar a

incapacidade da própria geografia e suas ferramentas metodológicas. A questão que está em jogo é epistemológica. Nós não estamos conseguindo construir conceitos capazes de compreender as demandas espaciais desses grupos.

Então, como o foco dessa fala questiona da existência das mulheres na geografia, só posso dizer que sim. Temos atualmente muitas mulheres como produtoras de conhecimento geográfico. As mulheres tiveram um crescimento expressivo entre 2000 e 2016 na ciência em geral, conforme os dados do CNPQ<sup>8</sup> de 2016 que vocês podem ver nesse gráfico.

**Figura 3: Proporção por gênero e ano de conclusão – mestrado e doutorado.**



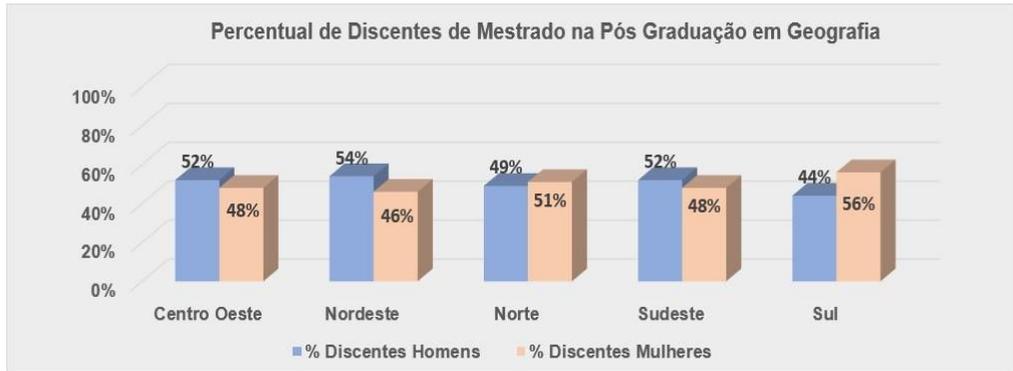
Fonte: CNPQ, 2016.

Especificamente na geografia, há um número crescente de mulheres. Trago alguns dados do Observatório do Conhecimento Geográfico Brasileiro que foram organizados pela Tamires Regina

<sup>8</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

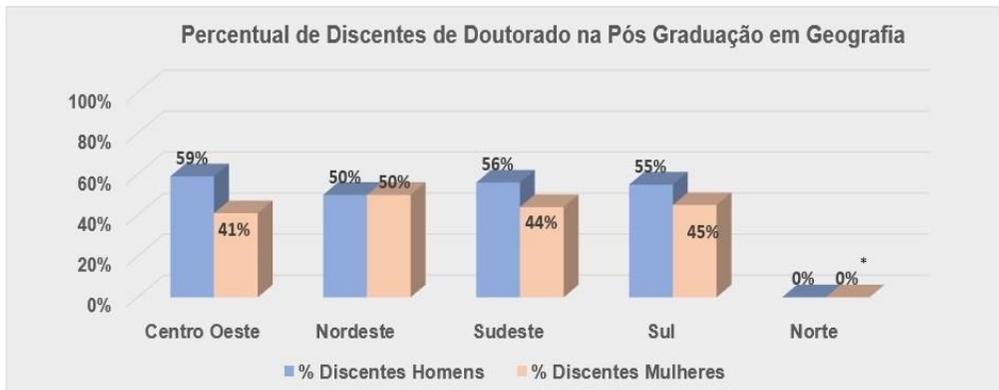
Aguiar de Oliveira Cesar (2015) e resultaram na sua dissertação de mestrado. Vejam esses gráficos.

**Figura 4: Percentual de discentes de mestrado na pós-graduação em Geografia.**



Org. CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira, 2017. Fonte: Plataforma Sucupira 2017

**Figura 5: Percentual de discentes de doutorado na pós-graduação em Geografia.**



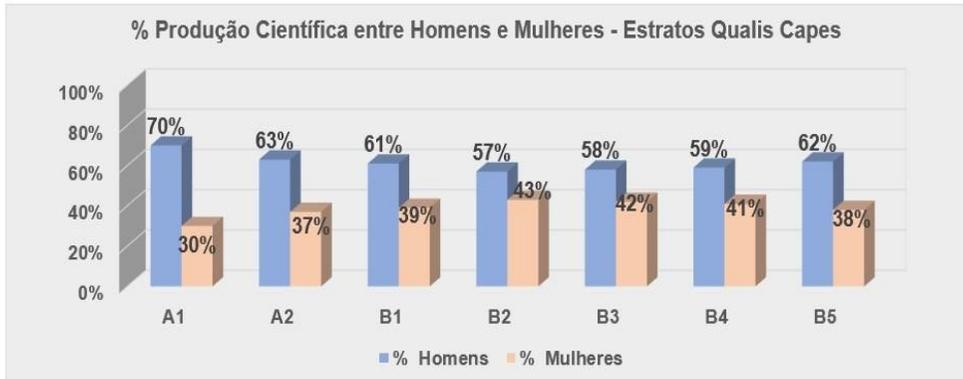
Org. CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira, 2017. Fonte: Plataforma Sucupira 2017

\* A região norte é representada por 0%, pois é a única região que não consta discentes de doutorado titulados. (Programas recentes)

O campo da geografia apresenta uma forte tendência a feminização e as mulheres como jamais visto constituem os cursos de pós-graduação em geografia. Mas quando pensamos na representatividade feminina como produtoras de conhecimento, temos um quadro interessante de que os homens são mais produtivos

em termos de quantidade de artigos científicos. Esse gráfico mostra essa realidade.

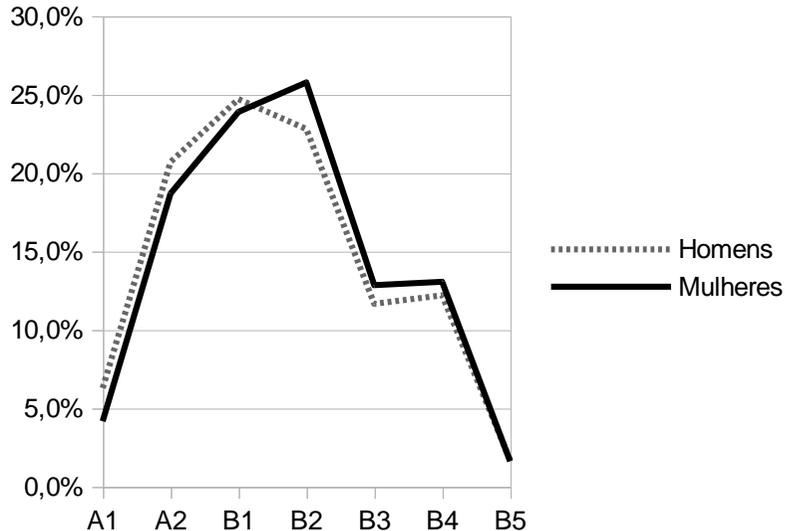
**Figura 6: Porcentagem da produção científica entre homens e mulheres – estratos Qualis CAPES.**



Org. CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira, 2017. Fonte: Banco de dados GETE – 90 periódicos *on line* da Geografia brasileira. Triênio 2013-2015, porcentagem com base em 17.636 artigos armazenados no banco citado.

Observem que nos periódicos melhor classificados no ranqueamento do Sistema Qualis-CAPES, estratos A1 e A2, há muita diferença entre homens e mulheres. No estrato A1 temos 70% de autores homens e apenas 30% de mulheres. No A2 63% de homens e apenas 37% de mulheres, no estrato B1 ainda temos diferenças e ela diminui nos estratos de menor posição. Nesse gráfico a visão é mais nítida de como a diferença entre homens e mulheres se comporta.

**Figura 7: Porcentagem da produção científica entre homens e mulheres – estratos Qualis CAPES.**



Fonte: SILVA; CESAR; PINTO (2015, p. 193).

Temos um grande número de mulheres na geografia. Mulheres e homens têm acesso à mesma infraestrutura, bibliotecas, laboratórios e assim por diante. Também há uma paridade salarial e o valor pago pelas bolsas são iguais para homens e mulheres. Mas o resultado obtido entre homens e mulheres na qualificação de sua produção científica é diferente com vantagem para os homens.

Outro dado interessante a ser mostrado para vocês é a superioridade dos homens nas políticas de citações e isso é importante quando se trata de pensar sobre relações de poder e ciência. Uma teoria que é reproduzida num campo científico significa sua legitimação e reconhecimento de validade na compreensão da realidade e isso se transforma em prestígio acadêmico.

Nesse quadro observem a hegemonia masculina.

PESQUISADOR (A)	INSTITUIÇÃO	IH
Milton Santos (In Mem.)	USP	>50
Paul Claval (Estrangeiro)	USP	42
Roberto Lobato Correa	UFRJ	38
<b>Bertha K. Becker (In Mem)</b>	<b>UFRJ</b>	<b>38</b>
Bernardo Mançano Fernandes	UNESP - PP	32
<b>Ana Fani Alessandri Carlos</b>	<b>USP</b>	<b>29</b>
Rogério Haesbaert da Costa	UFF	29
Carlos Walter Porto Gonçalves	UFF	28
Francisco de Assis Mendonça	UFPR	28
<b>Maria Encarnação Esposito</b>	<b>UNESP - PP</b>	<b>28</b>
Ruy Moreira	UFF	28
<b>Maria Laura Silveira</b>	<b>USP</b>	<b>24</b>
Manuel Correia de Andrade (In Mem)	USP	24

Fonte: CESAR (2019) com base no Google Acadêmico: Índice H. Acesso em Julho de 2017.

Então, se os homens produzem ciência em maior quantidade e publicam em periódicos de melhor prestígio por um lado, por outro, também são eles que conquistam maior legitimidade de suas teorias pela política de citações. A legitimação de determinadas teorias, em geral, masculinas, é validada pela quantidade de vezes que são reproduzidas como referências de teses, artigos, dissertações e assim por diante.

É importante deixar claro que eu não estou afirmando que teorias sejam melhores ou piores. A afirmação que faço é que há geometrias de poder que distribui de forma desigual, vantagens e

desvantagens entre instituições produtoras de conhecimentos e também entre homens e mulheres.

O prestígio das teorias masculinas para ditarem o que é a ciência geográfica é nítida quando se observa as ementas das disciplinas em que a história da geografia é contada. Ao tomarmos como base os programas da disciplina de epistemologia da geografia, ou nomes equivalentes a este conteúdo, de todos os programas de pós-graduação em geografia do Brasil, a hegemonia masculina é indiscutível. Do total de 1.804 referências bibliográficas que constam nos programas dessas disciplinas, disponíveis na Plataforma Sucupira, temos 90,3% da bibliografia indicada de autores homens. Apenas 9,7% é de mulheres. Há ainda o detalhe agravante de que a maior parte dos nomes femininos são de manuais de metodologia que estão mais preocupados com a forma do trabalho do que com o método científico.

Observem esse quadro que mostra os dez autores mais indicados e suas obras mais expressivas, considerando a frequência com que aparecem nos programas. Nós temos a lista completa, mas fizemos este recorte para mostrar aqui.

AUTORES	PRINCIPAIS OBRAS INDICADAS
<b>Milton Santos</b>	A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Por uma geografia nova Espaço e método
<b>Ruy Moreira</b>	O Pensamento Geográfico Brasileiro. As matrizes Clássicas Originárias Para Onde Vai o Pensamento Geográfico? Por uma Epistemologia Crítica. O pensamento geográfico brasileiro. Vol. 2 - As matrizes da renovação.
<b>David Harvey</b>	Condição Pós - Moderna A Produção Capitalista do Espaço Espaço de Esperança
<b>Paul Claval</b>	Epistemologia da Geografia Evolución de la Geografía Humana História da Geografia
<b>Antônio Carlos Robert de Moraes</b>	A gênese da geografia moderna. Geografia: Pequena História Crítica. Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil.
<b>Paulo Cesar da Costa Gomes</b>	Geografia e Modernidade. O Espaço da Modernidade. Um lugar para a geografia: contra o simples o banal e o doutrinário.
<b>Horácio Capel</b>	Filosofía y ciencia en la geografía contemporânea
<b>Iná Elias de Castro</b>	Geografia: Conceitos e Temas. Explorações geográficas: percursos no fim do século.
<b>Roberto Lobato Corrêa</b>	Trajetórias Geográficas. Paisagem, Tempo e Cultura. Região e organização espacial.
<b>Manoel Correia Andrade</b>	Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. Élisée Reclus. Uma Geografia para o Século XXI.

Fonte: CESAR (2019) com base na Plataforma Sucupira, 2017.

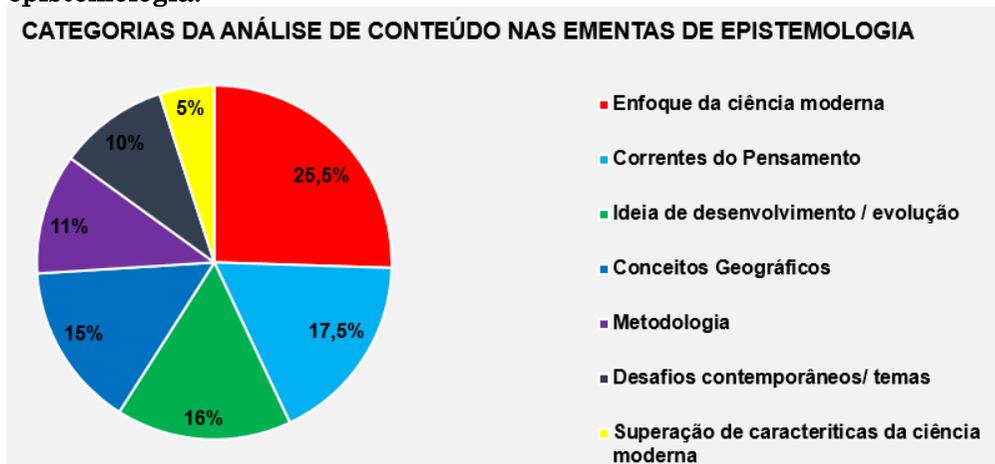
Neste quadro aparece apenas uma mulher, Iná Elias de Castro. Veja o caso da indicação da única mulher que figura entre os dez autores mais indicados, Iná Elias de Castro. A obra mais recomendada é o texto ‘O problema da escala’ do livro ‘Geografia: Conceitos e Temas’ em que ela é coautora. Ninguém mais aguenta tamanha falta de diversidade literária em relação a escala, por exemplo. Outras três mulheres que aparecem nesta lista são Sandra

Lencioni, Doreen Massey e Ana Fani Alessandri Carlos. Mas elas não têm a mesma frequência nas indicações bibliográficas dos programas como os homens possuem. É engraçado observar como um programa de uma instituição é parecido. Parece cópia um do outro.

O que estou afirmando aqui é que com a frequência, repetição das teorias nessa história da geografia, cria-se uma poderosa narrativa do que é a geografia, ou se convencionam o que ela seja. Então, quando alguém se aventura a construir uma geografia que não está contemplada nessa narrativa vai ouvir: ‘Seu trabalho não é geográfico!’.

Agora vejam aqui nesse gráfico como é a organização dos conteúdos das ementas das disciplinas de epistemologia dos cursos de pós-graduação em geografia do Brasil. Considero isso mais um poderoso elemento de constituição de uma versão legitimada do que é a geografia e os mecanismos de exclusão de outras perspectivas.

**Figura 8: Categorias da análise de conteúdo nas ementas de epistemologia.**



Fonte: Plataforma Sucupira – 60 ementas correspondentes aos programas de pós-graduação em geografia. Org. CESAR; SILVA, 2017.

Nós realizamos análise de conteúdo das ementas e chegamos a esses eixos discursivos que podem ser vistos nesse gráfico. Observamos que há uma tendência a um enfoque baseado na ciência moderna, evidenciando dualidades e oposições de conceitos e categorias. Os conteúdos sobre as correntes de pensamento geográfico são apresentados em forma de superação de paradigmas, dando a impressão de que há uma linearidade organizada entre as correntes e hierarquia entre elas. Poucas ementas valorizam a corrente humanista e há ausência completa de perspectivas feministas, etnoraciais, pós-coloniais ou decoloniais. Não há menção às geografias feministas em nenhum Programa de Pós-Graduação em Geografia, mesmo no programa em que eu trabalho. Além da narrativa evolucionista, os conceitos são apresentados de forma estanque e descorporificados. Os conceitos são tratados, mas o contexto de criação, embates, sujeitos e o processo de sua criação não estão presentes. Apenas 10% do total dos conteúdos encontrados nas ementas estudadas foram classificados em um eixo chamado 'Desafios contemporâneos/temas'. Vejam que as poucas ementas que discutem mulheres, negros, indígenas, LGBT's, aparecem como 'temas'. Um tema não é o suficiente para enfrentar estruturas epistemológicas consolidadas. Falar de mulheres com os mesmos conceitos tradicionais não é o mesmo que fazer geografias feministas. Enfim, há ainda esperanças, pois 5% dos conteúdos evidenciam esforços de superação das características da modernidade.

Toda essa estrutura que foi colocada até agora é para que vocês entendam que as ausências não são casuais. Podemos detectar a ausência, como foi demonstrado nos gráficos iniciais, as ausências de determinados sujeitos na geografia. Isso não basta para superarmos esse quadro de exclusão. É necessário entender os

mecanismos que estruturam o campo como ele é. Os mecanismos estão encravados no cotidiano do fazer científico de todos nós da geografia, mesmo que não tenhamos a nítida percepção disso. Nós construímos as narrativas hegemônicas, damos luz a determinados personagens e obscurecemos outros. Essas são escolhas e pouco estamos preocupados em pensar a epistemologia da geografia como um campo de forças e disputas de visão de mundo.

Vejam, vou tocar em um aspecto delicado que é a forte tradição das teorias de Milton Santos, considerada intocável. Logicamente é potente e contribuiu para grandes avanços. Mas também é inegável que esta tradição constituiu uma forma hegemônica de leitura da realidade espacial a partir da esfera da produção e isso é limitante.

E é nesse ponto que eu retomo os dados do Observatório do Conhecimento Geográfico Brasileiro quando evidenciei a dificuldade das mulheres em ter prestígio acadêmico, porque têm baixa produção nas revistas classificadas nas melhores posições do *ranking* do Sistema Qualis-Capes e também figuram como em piores posições nas políticas de citação. Esse quadro de elementos parece, inicialmente sem sentido, mas se mulheres são pouco lidas, pouco indicadas como referências nos programas das disciplinas e, possuem menor índice de citações, significa que as produções femininas em seu conjunto têm pequeno impacto no conhecimento geográfico.

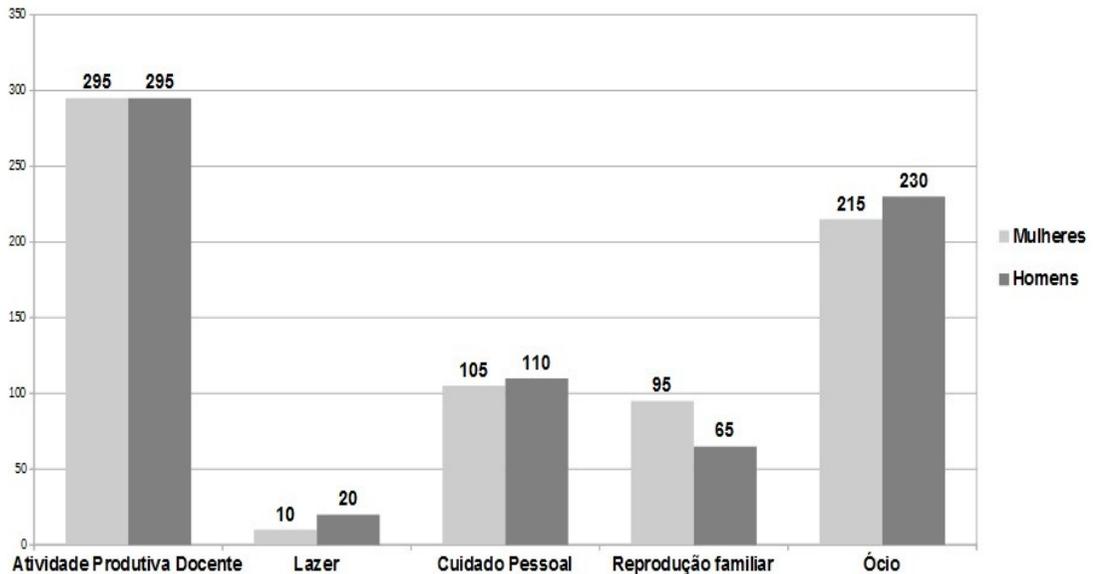
Retomando a ênfase na esfera da produção para compreensão do espaço que já foi comentada, é importante mostrar que nem sempre essa escolha ajuda para compreender determinados fenômenos. Por exemplo, se mantivermos a hegemonia miltoniana na forma de compreensão do espaço, damos visibilidade a algumas coisas, mas não a outras. Pior, podemos reforçar a noção de

inferioridade. Vejam que se mantivermos o recorte de análise apenas na esfera produtiva e pública sobre a produção científica, nós reforçaremos a ideia da incompetência científica das mulheres. Isso, porque os números de menor qualificação da produção feminina não se explicam apenas com o recorte no espaço acadêmico. A pergunta que faço é: existe produção sem reprodução social? Não, não existe. Entretanto, há uma escolha de um recorte que é válido para a geografia em geral. É o recorte que opõe produção/reprodução, que opõe público/privado. E é esse recorte legitimado que impede a compreensão da condição feminina no trabalho científico. Ora, se vou analisar o espaço acadêmico e concluo que há igualdade no acesso de infraestrutura, recursos e salários e a produtividade feminina em termos de qualidade é menor, acabo chegando à conclusão de que as mulheres são mais burras que os homens. Vejam que o que está em jogo, é a forma como o espaço é lido, como a tradição narrativa de compreender o espaço impede outras versões analíticas.

Se a geografia cria suas tradições de oposição, fronteiras espaciais a serem estudadas, é justamente essas estruturas que devem ser enfrentadas. Se eu tenho um conceito que está consagrado nas ementas e ele impede a visibilidade de determinados sujeitos e fenômenos, é fundamental que enfrentemos os conceitos. Mas esse é um processo difícil, porque quando nós negamos conceitos, nos envolvemos em uma diversidade de conflitos acadêmicos, desestabilizamos a crença da superioridade inquestionável de determinados personagens históricos da narrativa científica.

Em tempos de flexibilização do trabalho, pesquisadores(as) têm trabalhado em casa. Não há mais limites entre o espaço de trabalho e doméstico. Mas a geografia continua insistindo nesses limites e invisibilizando o espaço doméstico, considerando-o de

menor importância. Mas a grande maioria dos artigos científicos são escritos em casa, mesmo que os dados sejam produzidos nos laboratórios das universidades. Essa é uma realidade reconhecida pelos(as) pesquisadores(as).

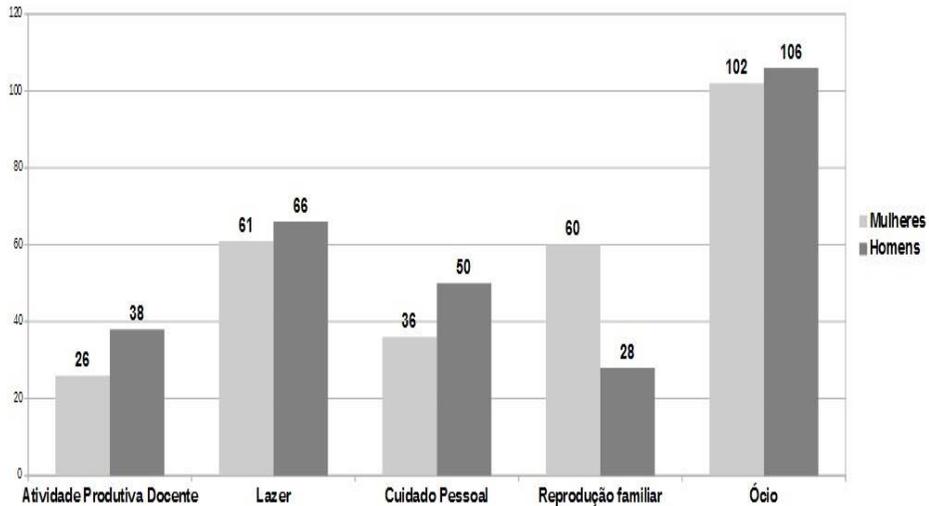


Fonte: PINTO (2014) E SILVA, CESAR e PINTO (2015, p. 196).

Agora gostaria de mostrar dados da pesquisa do Vagner Moraes Pinto do GETE. Observe o uso do tempo entre homens e mulheres, ambos pesquisadores de universidade pública que foram produzidos com base na metodologia do IBGE<sup>9</sup>. A visão da metodologia do uso do tempo desestabilizou a categoria trabalho, trazendo para o espaço doméstico, mesmo não remunerado, o reconhecimento do trabalho na reprodução social. Esse gráfico mostra o uso do tempo de homens e mulheres durante os dias da semana, contabilizado em horas.

<sup>9</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Esse outro gráfico mostra o uso do tempo de homens e mulheres nos finais de semana com a mesma metodologia.

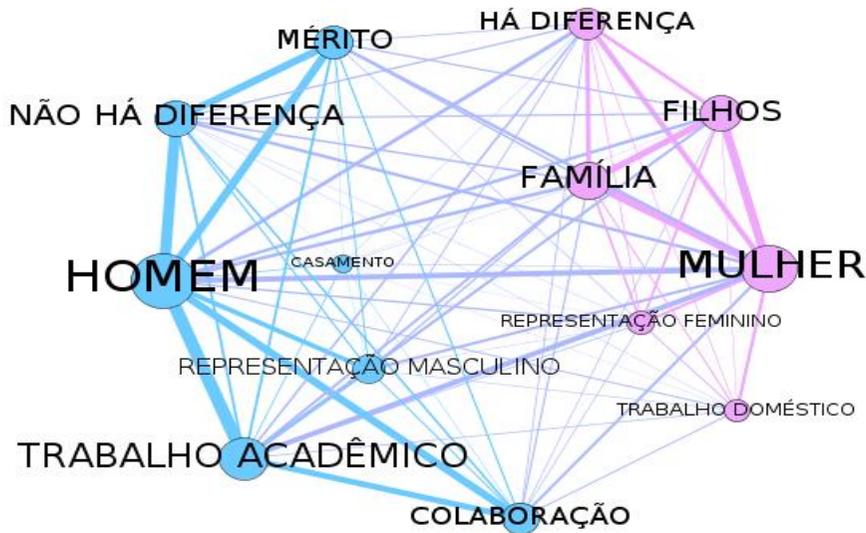


Fonte: PINTO (2014) e SILVA, CESAR e PINTO (2015, p. 197).

O que podemos ver aqui é que homens e mulheres têm uma mesma carga de trabalho durante a semana, mas homens e mulheres têm diferente quantidade de tempo dedicada à reprodução familiar, lazer e ócio. A relação entre tempo e trabalho tem a ver com produtividade. Nos finais de semana permanece a diferença entre eles. As horas dedicadas para reprodução familiar não possui compensação salarial, muito menos de prestígio. Mas afinal, é possível haver força de trabalho sem reprodução social? A resposta é não. Parte da humanidade desempenha o trabalho não pago e invisibilizado, classificado socialmente como sendo da natureza das mulheres o desempenho das tarefas que envolvem a reprodução social. E isso é reforçado pela ciência geográfica que tem tradicionalmente escamoteado a discussão do privado.

A pesquisa do uso do tempo entre homens e mulheres cientistas foi complementada pela análise de conteúdo das respostas

de duas questões abertas, realizadas para ambos, homens e mulheres com 12 pessoas que formam 6 casais heterossexuais da UEPG. Se o gênero tem interferência na produção científica e o que a família representa no desempenho da profissão. Esse grafo mostra a tendência discursiva de homens e mulheres nas respostas. O tamanho das bolas é a frequência com que as categorias são trazidas nos discursos de homens e mulheres que estão diferenciados por cores. As ligações das arestas em diferentes espessuras, significam como as categorias se conectam e sua frequência de conexão.



Fonte: PINTO; SILVA (2014); CESAR; PINTO (2015).

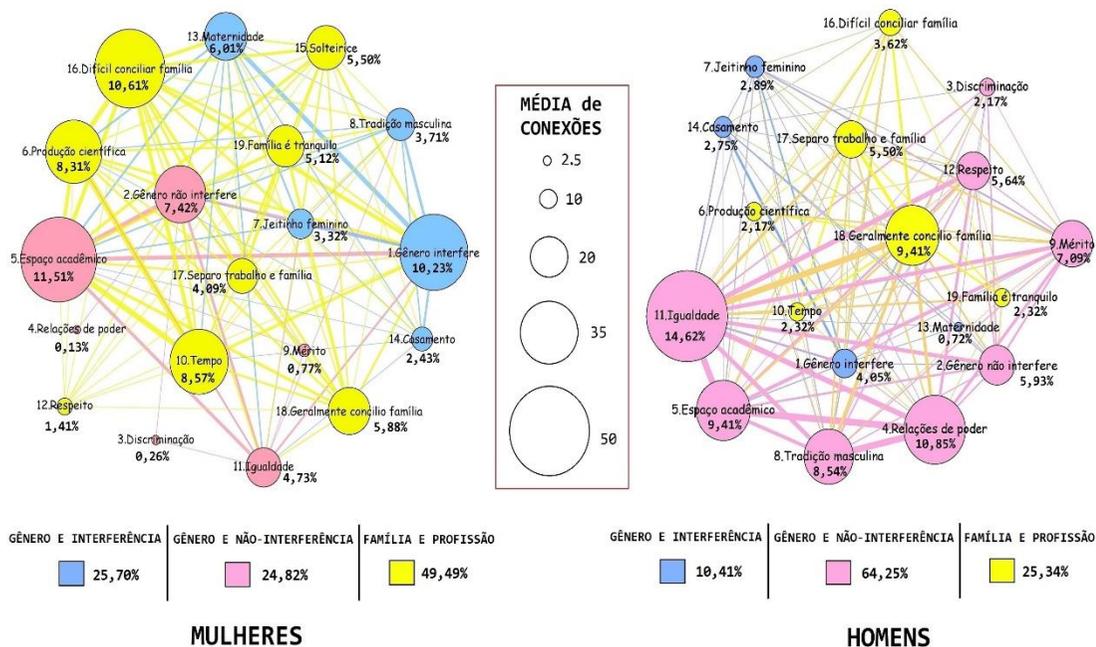
O interessante é observar que os homens não se sentem generificados. Sua masculinidade não é questionada por eles mesmos. Ao contrário, a marca de gênero é sentida pelas mulheres. O discurso masculino não apresenta tensionamentos entre o espaço acadêmico e doméstico, enquanto do discurso feminino sim. A produção intelectual no discurso masculino se estrutura em torno do mérito acadêmico, havendo para eles a neutralidade do gênero. Ao

contrário, as mulheres apontam com clareza que a produção científica está ligada às condições de produção o gênero feminino que implica uma série de obrigações familiares interfere na carreira. Uma tendência interessante verificada é que o casamento é um elemento importante na carreira dos homens, que possuem colaboração das esposas. Não ocorre o mesmo com o discurso das mulheres. Para elas o casamento não é o mais importante, mas os filhos. Uma coisa engraçada é que depois das entrevistas, soube que alguns homens tomaram consciência de que, de certa forma, exploravam suas mulheres no trabalho da reprodução social. Eles disseram para suas mulheres ‘nossa, eu te exploro, nunca tinha pensado o quanto eu te exploro, minha carreira se fez em cima desse teu trabalho’. Então agora vários amigos se declaram ‘machistas conscientes’. Isso porque há uma diferença entre reconhecer a condição de privilégio masculina de um lado e trabalhar para mudança social, que implica abrir mão de situações confortáveis de poder.

A condição de parentalidade é o principal elemento de diferença de investimento de tempo na produção científica. Como o cuidado dos filhos é naturalmente atribuído para as mulheres, o discurso feminino é cheio de culpa por não realizar as tarefas de cuidado como acham que deveriam fazer. Enquanto a família para os homens é lugar de acolhimento, para as mulheres é um peso, além do amor. O discurso feminino é meio esquizofrênico. Quando estávamos lendo os discursos para construção dos grafos, era possível perceber isso. As mulheres relatavam stress em momentos de cumprimento de tarefas com prazos e relembram estar ‘querendo matar’ os filhos que não paravam de gritar e demandar atenção. A expressão de desabafo era imediatamente percebida e corrigida, pois

uma mão não pode pensar assim sobre os filhos. Talvez uma pesquisa sobre o adoecimento de homens e mulheres nas universidades poderia ser algo interessante para complementar essa análise.

Nós realizamos pesquisas parecidas com docentes nas universidades do Paraná e pesquisadores com grande influência na produção geográfica brasileira que são as dissertações de mestrado e doutorado do Vagner e da Tamires. A tendência já observada na UEPG se repete de uma forma impressionante. Essa é a rede discursiva que representa cientistas do Paraná.



Fonte: PINTO (2017), PINTO; SILVA (2016).



Para finalizar essa fala e termos espaço de discussão, quero dizer que trouxe essa imensidade de dados, talvez de forma exaustiva, para afirmar o que nós já sabemos. Mas é só assim que alguém poderá ouvir sobre as desigualdades de gênero na produção científica da geografia. O importante é deixar a mensagem de que mostrar a ausência de mulheres, negros, indígenas e LGBT's na narrativa da geografia brasileira é pouco. Precisamos compreender os mecanismos estruturadores das ausências e enfrentá-los. Já ouvi muitas vezes de pessoas que realizam pesquisas sobre esses grupos que foram acusados de militantes. Mas o interessante é que ninguém comenta o fato da geografia brasileira historicamente ter uma posição racial, de gênero e sexualidades muito clara. Ela é masculina, branca e heterossexual. Mas essa posição não é vista como política, mas neutra. São os interesses desse perfil de geografia que estruturaram os conceitos, métodos e questões a serem respondidas pelo campo de pesquisa e isso não é espontâneo.

Afinal o que são os conceitos? Eles são sínteses discursivas produzidas por pessoas em um processo de conhecer um fenômeno eleito. Então, esse conceito não tem capacidade absoluta em si mesmo de tudo explicar. É essa noção simples dos processos de construção de teorias e modelos que desmistifica a supremacia dessa hegemonia. Se um conceito não serve para compreender tudo, porque é resultante da elaboração de uma pessoa em um processo específico de compreensão da realidade espacial, para construirmos visibilidades em meio a produção das invisibilidades temos que assumir o debate epistemológico. Por isso a importância de nós destruímos as barreiras que são impostas e termos a postura de desobediência epistemológica. É só com a desobediência epistemológica de um campo estruturado para produzir

determinadas invisibilidades que nós vamos produzir novas visibilidades na Geografia. É isso gente. Obrigada!

### **Considerações finais**

O texto cumpriu o objetivo de realizar o registro do encontro entre pessoas que estão debatendo os mecanismos de estruturação das hegemonias masculina, branca e heterossexual na geografia brasileira. O debate certamente não foi encerrado com o término da palestra da Professora Joseli Maria Silva. O Grupo de Trabalho de Gênero e Interseccionalidades da Seção Local da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) de Presidente Prudente prolongou a discussão com questionamentos e críticas, sendo impossível reconstituir toda dinâmica nesse documento escrito. Contudo, acreditamos que o registro escrito desse episódio marca um acontecimento da história da geografia brasileira e pode servir de estímulo para a luta política contemporânea contra o avanço do conservadorismo.

### **Referências bibliográficas**

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 336 p.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 311 p.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. *Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. *Gênero, trajetórias acadêmicas de mulheres e homens e a centralidade na produção do conhecimento geográfico brasileiro*. 2019. Tese (Doutorado) –

Doutorado em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

hooks, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End, 1984, 174 p.

MASSEY, Doreen. Imagining Globalization: Power-Geometries of Time-Space. In: BRAH, Avtar; HICKMAN, Mary; J. GHAIL, Máirtín Macan. (Eds). *Global Futures. Migration, Environment and Globalization*. London: Palgrave Macmillan UK, 1999, p. 27 - 44.

PINTO, Vagner André Morais; SILVA, Joseli Maria. Produção científica e geografia: devassando o poder da invisibilidade de gênero no fazer científico. *Terra Livre*. v. 2, n. 47, p. 53-78, 2016.

PINTO, Vagner André Morais. *Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço da produção científica geográfica paranaense*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

PINTO, Vagner Andre Morais. *O Gênero enquanto componente da produção científica no espaço acadêmico UEPG*. 2014. Monografia (Graduação)- Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner Andre Morais. Gênero e Geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. *Revista da Anpege*, v. 11, n.15, p. 185-200, 2015.

SILVA, Susana Maria Veleza da. Geografia e gênero/Geografia e feminismo – o que é isto? *Boletim Gaúcho de Geografia*, n. 23, p. 105-110, 1998.

SPÓSITO, Eliseu Savério. Breve histórico da AGB. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 1, n. 05, p. 97-100, 1983.

VIEIRA, Alexandre Bergamin; PEDON, Nelson Rodrigo. O papel das comunidades científicas: a AGB Nacional e a Seção Local de Presidente Prudente/SP. *Terra Livre*, Ano. 20, v. 1, n. 22, p. 71-83, 2004.

Submetido em: 06 de maio de 2019.

Devolvido para revisão em: 26 maio de 2019.

Aprovado em: 03 de junho de 2019.

**Como citar este artigo:**

PEDROSO, Mateus Fachin; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; CESAR, Tamires Regina A. de Oliveira; PINTO, Vagner André Morais; SILVA, Edson Armando. Mulheres na construção do pensamento geográfico? Um encontro entre a AGB – PP ‘Bertha Becker’ e Joseli Maria Silva. **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 18-61, jan.-jun./2019.